

HONEY AND ICE TRILOGY BOOK 2

A THIRONE  
FEATHERS  
*and*  
BONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR  
SHANNON MAYER  
KELLY ST CLARE

**UM TRONO DE PENAS E  
OSSOS**

**SÉRIE MEL E GELO, LIVRO 2**

**SHANNON MAYER**

**KELLY SANTA CLARA**



# CONTEÚDO

Agradecimentos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

A seguir!

Sobre o autor

© 2021 Shannon Mayer, Kelly St Clare

Todos os direitos reservados. Este livro ou partes dele não podem ser reproduzidos de qualquer forma, armazenados em qualquer sistema de recuperação ou transmitidos de qualquer forma, por qualquer meio – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro – sem permissão prévia por escrito do editor. Para solicitações de permissão, escreva para o editor, em “Atenção: Coordenador de Permissões”, no endereço abaixo.

Este livro é um trabalho de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas reais ou lugares reais são usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com eventos ou lugares reais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Hijinks Ink LTD  
Caixa 512  
Praia de Qualicum, BC  
V9K1Z7, CANADÁ

 [Criado com Velino](#)

## AGRADECIMENTOS

Para os leitores que se aprofundaram e perceberam que dois  
autores são realmente melhores que um.

Leitura feliz!

# 1

Cascos trovejaram no chão macio da floresta encantada, rasgando as flores da primavera. Os foles e bufos do kelpie terrestre obliteraram qualquer som de perseguição vindo da corte Seelie, e – estranhamente – os únicos outros sons que chegaram aos meus ouvidos foram as batidas do meu coração e os ocasionais grunhidos e maldições de Faolan.

Resgatado. Fui resgatado da morte por afogamento, depois de ser falsamente acusado de matar meu pai, o rei.

Agarrei-me com toda a minha vida aos grossos pingentes de gelo na crina do kelpie. Embora Faolan e eu estivéssemos alojados entre dois dos três pares de asas nas costas da criatura, eu não estava ansioso para cair e encontrar qualquer uma de suas ferozes farpas de cauda.

"Onde estamos indo?" Joguei por cima do ombro. Unimak era uma maldita ilha – só podíamos correr até certo ponto antes de sermos parados pelo oceano.

O braço de Faolan apertou o saco com cinto que eu usava para minha execução. Sua voz era rouca e baixa. "Do outro lado do rio, Vossa Majestade."

Sua Majestade. Okay, certo. Talvez por um segundo entre uma flecha perfurando a garganta do Rei Aleksandr enquanto ele me reivindicava como seu herdeiro e Adair gritando que eu o havia assassinado.

A repentina sacudida do meu estômago não teve nada a ver com o ritmo frenético do kelpie e tudo a ver com a lembrança recente do sangue jorrando do pescoço do meu pai, mas deixei isso de lado. Sobreviver ao dia veio primeiro. A análise da tempestade de merda poderia ser feita mais tarde.

Torcendo um pouco, olhei para trás e empalideci.

"Empresa?" Lan perguntou como se estivéssemos discutindo o tempo.

Engoli em seco ao ver o que parecia ser toda a guarda do rei e a maior parte da Elite avançando sobre nós. Se não estivéssemos em um kelpie, não teríamos como escapar do castelo e chegar tão longe.

Olhando para frente, respondi: “Não acho que eles queiram pedir uma xícara de açúcar emprestada”.

Lan puxou o kelpie ao longo da divisão do rio Danaan e, embora a visão de nossa “companhia” não tivesse inspirado a derrota, a água agitada e com pontas brancas me fez considerar seriamente a rendição.

Minha boca secou. “Talvez-”

“Estamos indo para lá”, Lan disse brevemente.

Merda. Lambi meus lábios. “A parte mais estreita do rio fica na porção humana—”

“Estamos indo agora.”

Lan mudou seu peso para a direita e um grito ficou preso em minha garganta quando as poderosas patas traseiras do kelpie se agruparam.

E então estávamos voando. Meu peito apertou quando a terra sólida foi substituída por água gelada e escura – semelhante à água em que Adair tinha acabado de tentar me afogar – e depois por solo rochoso.

O ar saiu dos meus pulmões quando o cavalo fae de três asas deu o salto, e acho que meu coração parou.

“Você está vivo?” Faolan provocou.

Levei um momento para responder. Neste ponto, depois de semanas sendo caçado e injustamente acusado de destruir Underhill e maltratado em geral, eu realmente não tinha certeza. Mas sua voz alcançou pelo menos meu medo de água, e meu coração voltou à vida mais uma vez.

Eu respirei fundo. “Ainda chutando.”

Por quanto tempo mais, eu não saberia dizer. Tínhamos acabado de cruzar a corte Unseelie, o território de Lan, e isso poderia significar qualquer coisa. Os Seelie e os Unseelie se equilibraram magicamente – porque eram diametralmente opostos. Projetados para permanecerem lado a lado através dos tempos, sem *nunca* se tocarem ou se misturarem, para que o equilíbrio entre vida e morte pudesse ser mantido. No

lado Seelie do rio, as árvores tinham troncos grossos e densa folhagem verde, tudo cintilando com purpurina. Embora os Unseelie tivessem mantido o brilho para o benefício dos turistas, as árvores eram rijas e retorcidas, cercadas por arbustos espinhosos. Isso realmente deu o tom para uma corte muito mais sombria.

Regras mais duras. Corações mais duros. Moral mais fria.

Ou foi o que me disseram, embora o mesmo pudesse ser dito de alguns que encontrei na corte Seelie.

“Por que exatamente você escolheu a corte Unseelie como nossa rota de fuga?”  
Aventurei-me, lançando outro olhar para trás.

A guarda do rei acabara de chegar à beira do rio. Eles diminuíram a velocidade e eu podia imaginar o dilema deles. Deveriam cruzar e arriscar a ira da rainha Unseelie? Essa foi a pergunta de um milhão de dólares.

Eles tinham autorização para tomar esse tipo de decisão? E se não, quem foi corajoso o suficiente para dar a ordem e receber a culpa da rainha consorte, quem estaria em modo de vingança total?

“Porque era o único lugar para ir. A missão de resgate de Cinth foi muito emocionante, mas teve alguns problemas logísticos.” Lan desacelerou o kelpie assim que saímos de vista, sussurrando palavras suaves para a criatura feérica.

Um sorriso alargou meus lábios. “Cinth conseguiu isso?”

“Você esperaria algo menos? Pelo que sei, chegou a Rubezahl a notícia de que você foi reivindicado como prisioneiro pelo tribunal Seelie. Cinth criou o próprio inferno para ir atrás de você.”

“Ela tinha um plano para fugir depois, certo?” A ideia de ela ser levada me deu um sério nó nas entranhas.

“Ela está segura”, disse Lan. “Tem um glamour cobrindo seus rastros.”

Fechei os olhos, exalando. Bom. “Ruby também estava lá.”

“Não. Ele enviou alguns excluídos, mas não veio pessoalmente.”

Huh. Então aquela cruz vermelha no ombro de Bres provavelmente não era um avatar, afinal. Eu tinha um forte pressentimento, mas, novamente, eu estava às portas da morte, minha mente não funcionava em todos os cilindros.

Abrindo os olhos novamente, estudei os arbustos espinhosos que retardavam o ritmo do kelpie. A floresta ficava mais bem cuidada quanto mais perto uma pessoa chegava da corte Seelie. Aqui, a natureza selvagem se abateu sobre nós no que parecia um aviso claro para não prosseguirmos.

Esfreguei meu braço quando um galho fino chicoteou minha pele nua. “Como Cinth prendeu você então?”

“Nós . . . caminhos cruzados,” ele disse rigidamente. “Eu estava cuidando de você.”

Pisquei e cerrei a mandíbula enquanto o sangue inundava minhas bochechas. Me considere esquecido, mas entre Papai Querido deixando de lado sua vergonha de me nomear como seu herdeiro e minha madrasta tentando me matar, eu tinha esquecido a parte de Lan em tudo isso. “Essa é uma boa maneira de dizer que você estava me seguindo sob as ordens da rainha Unseelie desde o maldito começo.”

Foi por isso que ele me beijou? Como forma de me manter por perto? Esse pensamento me penetrou e, por mais que eu odiasse, aquela coisa estúpida tinha mérito.

O baque suave dos passos do kelpie se transformou em um barulho quando atingimos paralelepípedos irregulares. Eu só me aventurei na corte Unseelie uma vez, em uma viagem escolar que fiz o que parecia ter acontecido há muito tempo. Embora nossa corte fosse uma questão de posição social - aqueles que a possuíam e aqueles que não a possuíam -, sua rainha não organizava seus súditos em níveis. Era cada Unseelie por si. Eles encontraram um escanteio e, se pudessem lutar para mantê-lo, teriam que ficar.

Lan ficou em silêncio às minhas costas.

“O que você disse ao seu amigo de novo?” Eu disse sarcasticamente. “A rainha me queria vivo, certo? Diga-me, neto de Lugh, há quanto tempo você sabe quem eu realmente sou?”

Ele estremeceu com a lembrança de sua linhagem. “Eu sei desde que a rainha me deu suas ordens. Ela me contou para que eu entendesse a gravidade de ficar de olho em você.

Ele sabia todo esse maldito tempo. Seus pequenos atos de bondade faziam mais sentido agora. O café da manhã, o flerte, o beijo. Para me manter por perto, ele afastou sua tendência natural de pensar menos de mim.

Amável.

Não tive palavras, o que para mim era raro.

Seu aperto em minha cintura aumentou. “Você sabe que fiz um juramento de obedecer às ordens dela. Não tenho escolha quanto a isso, independentemente dos meus próprios sentimentos.”

Minhas sobrancelhas se ergueram e encontrei minha língua. “E você foi além, Lan. Realmente, você deveria estar orgulhoso de si mesmo. Vou me certificar de dar a você uma maldita avaliação de cinco estrelas por suas habilidades de atuação. Eles são impressionantes, se assim posso dizer.

Porque quando estávamos caminhando pela floresta, ele me beijou como se ninguém mais existisse. Eu tolamente comecei a acreditar que éramos uma equipe. Nessa bagunça juntos. Que eu quase poderia. . .

Quase confio nele.

Apertei os lábios e arranquei seu braço do meu corpo, endireitando-me nas costas do kelpie para colocar distância entre nós - distância que eu nunca deveria ter abandonado. Distância que eu não ousaria abrir mão novamente.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas balancei a cabeça com raiva. "Salve isso. Obrigado por me tirar do castelo Seelie, mas valho mais do que a maneira como você me tratou nas últimas semanas – e não por causa de quem é meu pai. Era."

Foda-se eu e minha paixão estúpida de infância pelo bad boy com coração.

Lan ficou em silêncio e subimos o pico leste em direção ao castelo. O musgo margeava as pedras escuras e, em intervalos, eu avistava pequenas plantas crescendo entre os tijolos — o que teria sido reconfortante se as flores não fossem pretas e os frutos não fossem vermelho-sangue.

Contive um arrepio quando passamos pelo parapeito. Os guardas olharam para mim antes de desviarem seus olhares desconfiados para as fadas às minhas costas e, a contragosto, se afastarem. O kelpie parou diante das portas incrustadas de ferro do castelo, e eu deslizei de suas costas, sibilando ao sentir a dor em meus pulsos quando eles atingiram a pelagem azul-clara e branca do cavalo, deixando uma mancha vermelha. As algemas de ferro dos guardas Seelie realmente me afetaram.

Extraindo energia azul das pedras sob meus pés, usei-a para alimentar minha magia índigo e anestesiá-la dor, agradecendo às pedras por sua ajuda depois. Uma pequena trilha de musgo verde brilhante surgiu em volta dos meus pés, o que só me rendeu mais olhares dos guardas.

Qualquer que seja. Eles poderiam chupar depois do dia que eu tive.

Os servos humanos abriram as portas, com os olhos baixos, e Faolan avançou na minha frente para entrar na casa agourenta da Rainha Elisavana. Ao contrário do brilho dourado do foyer do castelo Seelie, entramos imediatamente em um salão de hóspedes longo e de teto baixo, tão gelado quanto pouco convidativo. Meus passos ecoando na pedra escura, segui Lan por um corredor, tentando me recompor para sua companhia – o que não é fácil de conseguir quando estou usando um vestido de saco e coberto de sangue e arranhões. Meu estômago roncou alto, aumentando meu desconforto.

Faolan parou diante de uma porta de madeira indefinida, com os ombros tensos. Ele me lançou um olhar, apenas o tempo suficiente para eu ver que o tom de gema enterrada em suas íris escuras estava mais caótico do que nunca. “Órfão. . .”

“O que?” Cruzei os braços.

A porta se abriu para dentro. Um guarda da rainha estava ali, sorrindo. “Não temos o dia todo, Seelie. Estamos todos ansiosos para ouvir sobre sua última merda.”

Eu fiz uma careta, olhando entre ele e Lan. Mas o guarda não estava brincando. Eles não eram amigos, se a fúria de lábios brancos de Lan fosse algum indicador.

Faolan aproximou-se do guarda e olhou-o nos olhos. “Isso exigiria que você se movesse, soldado.”

“Parece que você tem um problema então”, foi a resposta sarcástica.

Lan apoiou a mão na espada. “Eu?”

O foco do guarda caiu ao máximo e seus olhos brilharam com algo mais frio antes de ele olhar para cima novamente. Ele forçou um sorriso. “Só estou brincando, Seelie. A Rainha Elisavana aguarda ansiosamente uma explicação para os acontecimentos atuais.”

Que . . . não era um bom presságio para mim.

O guarda ficou de lado e, quando passei, encontrei seu olhar sem pestanejar. Ele não era nada comparado a uma escaramuça com crianças gigantes e encontros com pessoas brilhantes e de espírito cinzento.

Eu esperava uma sala de reuniões fria e árida, então fiquei surpreso com as grossas tapeçarias que cobriam as paredes e o fogo quente enchendo a lareira na metade da parede esquerda. Outra expectativa frustrada: a rainha não estava sentada em um trono, mas sim diante de uma mesa repleta de comida.

Faolan parou e fez uma reverência baixa. "Sua Majestade."

"Levante-se, neto de Lugh," ela disse com uma voz suave que enviou uma onda de cautela pela minha espinha. "E me diga por que acabei de receber uma carta da Rainha Consorte Adair que é *quase* ameaçadora."

Isso me pegou. Eu esperava que Adair conseguisse chegar ao trono sozinha. "Quem é o novo rei?" Perguntei.

"Que balde", ela respondeu com um aceno de mão, os dedos percorrendo o ar. "Nunca consigo lembrar o nome dele. Irmão mais novo de Aleksandr. O confuso e rotundo que não parece capaz de ferir um exército de mosquitos que lhe suga o sangue necessário.

Gráfico. Preciso também.

Minha testa ficou clara. Claro. Tio Josef seria o próximo na fila depois de mim. Lembrei-me da maneira como ele confortou Adair na minha execução. Eu teria me perguntado se ele planejou o assassinato do meu pai e a minha morte, só que a rainha estava certa – ele não parecia possuir qualquer instinto assassino.

"E você deve obedecer à etiqueta apropriada quando se dirigir a mim." A voz da rainha não se alterou, mas uma nova cautela me atingiu.

Fiz uma reverência em meu vestido de saco. "Minhas desculpas, Sua Majestade."

Seu olhar frio e azul finalmente pousou em meu rosto, apenas para imediatamente voltar para Faolan. "Por que você a trouxe aqui?"

Ele ficou à vontade. "Eu estava seguindo minhas ordens."

Ela bufou, colocando uma framboesa na boca com um giro delicado do pulso. "De fato."

"Eu os entendi mal, Majestade?"

“A melhor pergunta é: você os entendeu?” Sua expressão endureceu. “Vou conversar com você esta noite, neto de Lugh.”

A demissão foi clara, embora ela não tivesse *me dado* permissão para ir.

No que ele tinha me metido agora? Outra execução?

Faolan lançou um olhar em minha direção e abriu a boca, mas pareceu pensar melhor antes de contestar. Talvez tenha sido minha carranca gelada?

A rainha me chamou em direção ao fogo e eu me virei de Lan para me juntar a ela. Quando nos sentamos, a porta se fechou; uma verificação rápida confirmou que estávamos sozinhos, exceto pelo guarda zombeteiro no outro extremo da sala.

“Kallik da Casa Real”, disse a rainha depois de arrumar seu vestido de chiffon cinza escuro para que ficasse pendurado em dobras majestosas. “Você traz muitos problemas com você.”

Eu balancei a cabeça. “A guarda do rei atravessou o rio, Majestade?” Eu precisava dizer 'Vossa Majestade' todas as vezes? Melhor prevenir do que remediar.

Ela sorriu, e não continha um único grama de calor. Com Adair, a expressão poderia ser de sorriso malicioso. Com esta mulher, fiquei convencido de sua capacidade de me matar com um estalar de dedos.

Então isso foi reconfortante.

“Eles não ousariam”, ela respondeu. “Ainda não.”

Inclinei minha cabeça em questão.

Ela levantou um ombro. “Não há muito que a corte Seelie possa arriscar nos perturbar. A morte de seu rei é uma dessas coisas. Adair quer seu sangue, Kallik. Ela poderia estar disposta a derramar o sangue dos meus súditos para chegar até você. Mesmo que ela comece uma guerra no processo.”

“Eu não matei o rei,” eu a interrompi.

Suas sobrancelhas arquearam levemente. “Não? E também devo acreditar que você não participou do desaparecimento de Underhill?”

OK. Eu poderia ter atingido meu limite e minhas sobrancelhas se curvaram para baixo enquanto minha própria ira aumentava. “Você se refere ao Fake Underhill ou ao real?”

Eu correspondi ao sorriso dela.

Apenas o dela ficou mais largo. Ela olhou para o fogo. “Imagino que seja difícil atirar uma flecha diretamente ao lado de uma pessoa, especialmente sem carregar um arco.”

Sem brincadeiras. Aí estava o buraco gigantesco na acusação de Adair. Exceto que ninguém ousou questionar sua história. “Também é difícil conseguir um ferimento de entrada de qualquer tipo na frente da garganta de alguém quando você está diretamente ao lado dele.”

Suas mãos tremiam ligeiramente, mas seu rosto não tinha qualquer emoção quando ela voltou sua atenção para mim. “A questão, jovem fae, é que seu destino não depende da verdade, mas daquilo que os Seelie *acreditam*. Em outras palavras, o que é correto e verdadeiro pode não importar. Adair ainda não possui coragem de me acusar abertamente de ajudá-lo. Em vez disso, ela liga você aos excluídos do Triângulo. Com o tempo, porém, ela poderá ganhar impulso suficiente para culpar também a minha corte. Por que eu concederia refúgio ao assassino do rei Aleksandr, ela pode comentar, se não ordenei sua execução na esperança de assumir o controle da corte Seelie?

Soltei um suspiro silencioso.

Deusa de cima e de baixo, ela estava certa. Se eu ficasse aqui, a já tensa relação entre os tribunais azedaria ainda mais, talvez de forma irreparável. Unseelie e Seelie guerrearam intermitentemente ao longo dos tempos. Dado que Underhill estava fechado há muito mais tempo do que a maioria das pessoas imaginava, já era um momento precário para as fadas. O perigo da loucura pairava no ar, o resultado de uma fada ter passado muito tempo sem colocar os pés em nossa terra natal. Eu já havia encontrado um grupo de jovens gigantes e um vira-lata que teriam se perdido na loucura se não fosse pela intervenção de Rubezahl. Como as coisas estavam. . . Eu não tinha certeza se a insanidade não havia se apoderado de *mim*. Não depois do que fiz a esse Unseelie depois de beijar Faolan. Forcei um arrepio. “Você não pode me conceder refúgio.”

“O que eu sugeriria”, ela disse cuidadosamente, “é que você reserve um tempo aqui para se recuperar e considerar sua posição. Sempre há um caminho a seguir que nos leva em direção ao que queremos.” Seus olhos frios brilharam. “Existe um caminho que você deveria seguir?”

O tom da rainha acelerou meu pulso. Ela estava falando da porta para o verdadeiro Underhill? Aquele para onde os espíritos me levaram? Eu cheguei tão frustrantemente perto de abri-lo. . .

Eu deixei a Unimak na esperança de limpar meu nome. Para provar, de uma vez por todas, que não destruí a entrada de Underhill. Eu falhei nisso – Adair convenceu o tribunal Seelie da minha culpa – mas também descobri um problema muito maior. O verdadeiro reino feérico estava fechado para nós há muito tempo e muitas vidas dependiam de sua restauração.

Minha vida. A vida de Cinth. As vidas de Ruby e Drake e dos outros excluídos. Vidas humanas. Até mesmo as vidas das fadas que me odiavam.

Eu não disse nada disso à rainha, entretanto. Ela sabia muito mais do que estava deixando transparecer – algo que eu deduzi das informações que Lan uma vez me transmitiu – mas Confiança não era meu nome do meio.

De forma alguma.

“Reserve um pouco”, repetiu a rainha, levantando-se. “Adair ainda não fará nada em nome do Rei Whatshisbucket.”

Corri para me levantar também, certa de que a diretora do orfanato havia falado muito sobre isso em suas aulas de etiqueta. “OK. Obrigado, Rainha Elisavana. Eu agradeço.”

Seu olhar caiu para meus pulsos rasgados e queimados, e uma sombra escureceu seus olhos, desaparecendo no segundo seguinte. “Não me agradeça ainda, Kallik da Casa Real.”

Eu parei, sem saber como interpretar suas palavras. O que isso significa? Afinal, ela iria me jogar do parapeito?

Ela inclinou a cabeça em direção à porta. “Ir. Comer. Banhar-se. Dormir.” Quando me virei para sair, ela acrescentou: “E talvez reserve um momento para refletir sobre o fato de você não ter participado da morte do rei”.

Bem, isso foi meio difícil de esquecer. Olhei de volta para a rainha de cabelos escuros e friamente linda.

Ela me olhou solenemente. “Em outras palavras, outra pessoa fez isso, e talvez você saiba quem é essa pessoa.”

As palavras da rainha Unseelie reverberaram em meu crânio enquanto eu seguia o servo humano por um longo corredor acarpetado que levava mais fundo no castelo. Eu sabia subconscientemente quem matou meu pai? Foi isso que Elisavana quis dizer?

Minha carranca parecia gravada em meu rosto, e a serva humana – uma jovem com olhos castanhos profundos e cabelos combinando – guinchou quando parou na frente de uma porta fechada e olhou para mim. “Este é o seu quarto designado. Há um banho preparado para você e alguém estará junto com roupas limpas. Se precisar de ajuda para se vestir...

Levantei a mão e suavizei minhas feições. “Desculpe, foram alguns dias difíceis. Eu sou bom em me vestir.”

Seu sorriso foi fugaz quando ela fez uma reverência e recuou.

"Espere."

Ela congelou.

“Estou morrendo de fome, posso comer alguma coisa?”

Eu teria rido do alívio no rosto dela se não entendesse tão claramente o que isso significava. Ela estava acostumada a ser tratada como uma merda. "Claro. Claro."

Com isso, ela se virou e fugiu da minha presença.

"Obrigado!" Liguei e entrei no quarto.

Não havia luzes acesas, e me atrapalhei para encontrar uma conexão com algo de onde pudesse extrair calor, algo para criar uma chama.

Olhando para a sala através das lentes da minha magia, pude ver que havia um leve lampejo de fogo acumulado nas brasas da grande lareira bem em frente a mim. Caminhando até a estrutura de pedra, puxei os fios vermelhos do elemento para frente e atirei as chamas, soprando-as fisicamente até que pegassem as brasas. Às vezes, a solução não era puramente mágica – algo que as fadas de sangue puro tendiam a esquecer.

Colocando alguns pedaços de madeira da pilha ao meu lado, logo deixei o fogo ardendo e lançando não apenas luz, mas um calor constante e encharcado até os ossos. Suspirei. *Isso é melhor.*

Virando-me, examinei a sala.

A roupa de cama era de um vinho profundo, as cobertas e as cortinas penduradas nos pôsteres feitos de veludo pesado. O chão era de um rico mogno, assim como o resto da mobília – uma mesa, um conjunto de cadeiras e uma escrivaninha – mas todos os outros detalhes desapareceram quando olhei para o que estava colocado no centro da sala.

Uma banheira enorme que poderia acomodar facilmente quatro pessoas. Afundado no chão. Eu poderia ter me matado caindo nele enquanto atravessava a sala, mas estava disposto a perdoar o quase acidente. O vapor subia pela superfície da água e a condensação cobria a borda de cobre martelada. Pelo cheiro de lavanda e eucalipto, alguém encheu a água com ervas que ajudariam nos meus ferimentos.

Com um gemido, me despi. Cada movimento provocava minha infinidade de cortes e crostas, e fiz uma careta mais de uma vez, desacelerando meus movimentos até que finalmente fiquei nu.

Eu não tinha armas dignas de menção, todas elas foram tiradas de mim e isso — mais do que a falta de roupas — me fez sentir.... . . expor. Circulando pela sala, encontrei sobre a mesa um abridor de cartas com uma ponta afiada, junto com um garfo que havia sido deixado para trás em algum momento.

Não são exatamente armas de alto impacto, mas eu as levaria.

Sentando-me primeiro na borda da banheira, deslizei para dentro, a água fazendo um silvo sair dos meus lábios. O calor era demais, mas afundei até o peito e depois me recostei com um suspiro cansado.

*Porra.* Que . . . dia? Semana? Mês?

Eu estava cansado além da compreensão.

Havia um banco debaixo d'água e coloquei meu abridor de cartas de um lado e meu garfo letal do outro. Talvez eu chamasse meu garfo de Prongs of Death. Isso faria meus inimigos fugirem aterrorizados.

Minhas pálpebras se fecharam e considerei as palavras da rainha – de novo. Talvez ela não estivesse insinuando que eu já sabia quem matou meu pai. Talvez ela apenas acreditasse que eu poderia descobrir.

Quem se *beneficiaria* com a morte de meu pai?

A resposta óbvia era seu herdeiro – eu. Mas desde que eu sabia que não tinha feito isso. . .

Hmm, Adair teria sido minha suspeita número um, mas ela não havia realmente conquistado o trono. Tio Josef era o próximo na fila depois de mim. Claro, se Adair alguma vez tivesse produzido um irmão para mim, esse irmão teria estado à minha frente – o herdeiro legítimo do vira-lata bastardo – mas ela não o fez. Pelo que eu sabia, não havia primos distantes nas cortes irlandesas ou nas cortes da Louisiana, de onde Drake era originário, que pudessem fazer uma oferta competitiva pelo trono.

A menos que o Rei Aleksandr tivesse outros inimigos que eu desconhecia, realmente não havia muito mais na lista de potenciais assassinos. Apesar do meu relacionamento difícil com meu pai, ele era muito querido pelos Seelie.

Voltei para Adair e Josef, lembrando da visão de sua mão nas costas dela. O toque suave que ela lhe dera no baile.

Gentil. *Íntimo* mesmo.

"Porra. Eles estão batendo! Meus olhos se abriram com essa percepção repentina e esclarecedora. . . e me vi olhando nos olhos dourados de alguém vestido de preto. Eles estavam agachados do outro lado da banheira, com uma adaga curta na mão.

Não houve tempo para pensar.

Avancei, com o abridor de cartas na mão direita, enquanto agarrava o intruso com a mão esquerda e o arrastava para a água. Três golpes curtos e afiados com o abridor de cartas na lateral do pescoço e ele ficou mole, de bruços, a água borbulhando enquanto seu último suspiro lhe escapava.

Eu me afastei, pegando meu garfo ao sair da água rosada, fazendo-a cair no chão de pedra. Coloquei minhas costas na lareira. Adrenalina correndo em minhas veias, olhei ao redor da sala, esperando por outro suposto assassino.

Esse foi um verdadeiro assassino. Alguém tentou me *matar*. Talvez eu não devesse ficar chocado com os acontecimentos recentes, mas de alguma forma uma tentativa direta de assassinato por um estranho parecia diferente de entrar em uma batalha ou duelo. Diferente, até, da minha quase execução.

A porta da sala se abriu e o servo humano entrou. “Minha senhora, eu tenho um monte de...” Seus olhos pousaram em mim, depois foram até a banheira onde meu visitante balançou o rosto para baixo. “Oh.”

“Vá buscar Faolan,” eu disse asperamente.

Mas não havia necessidade. Ele entrou logo atrás dela.

Ele observou a cena com um olhar rápido, parando mais tempo no meu corpo nu do que no corpo *real* na banheira, depois tocou o ombro do criado. “Traga o General Stryk.”

Não saí da minha posição em frente ao fogo, embora a vontade de me cobrir estivesse definitivamente presente. A nudez não era algo que me preocupasse muito, mas com Faolan. . . aquelas feridas no coração ainda estavam vazando, apesar do meu desejo de selá-las.

Cruzei os braços.

“Isso é um garfo?” ele perguntou, tirando lentamente a camisa.

Minha boca secou e minha raiva traidora encontrou outros lugares para estar. Porque eu estava nu e ele estava andando em minha direção enquanto tirava a roupa. Eu estava respirando mais rápido? Claro que estava. Mas isso era medo. Os efeitos colaterais da adrenalina.

E, caramba, um pouco de luxúria também.

Ele parou ao alcance do braço e estendeu a camisa. “Você vai querer vestir isso até que cheguem roupas novas.”

Não gostei de como minha mão tremeu quando peguei sua camisa e a puxei pela cabeça. Ele pegou os dentes das Pontas da Morte, mas me recusei a abandonar minha única proteção. “Sim, é um garfo. Deixei cair o abridor de cartas na banheira.

Suas sobranceiras se ergueram. “Você o matou com um abridor de cartas.”

“Olha, era tudo que eu tinha,” eu rebati, cruzando os braços sobre o peito novamente. Sua camisa mal chegava ao topo das minhas coxas. Eu estava coberto - mas, na verdade, a pouca roupa piorou a tensão.

Um barulho de armas e armaduras anunciou a chegada do general, que tinha cabelos grisalhos cortados rente e olhos cor de vinho que combinavam perfeitamente com a decoração daqui. Ele entrou no quarto, circulando a banheira. Com um movimento de sua mão, sua magia, também bordô, envolveu seu braço e disparou para frente para tirar o assassino.

A água da banheira congelou enquanto ele usava seu calor para alimentar sua magia Unseelie. Com outro movimento da mão, ele virou o assassino e arrancou a cobertura do rosto.

“*Escória Seelie*,” ele rosnou, então olhou para mim. Linhas duras e uma cicatriz em cada lado do rosto o marcavam como um guerreiro. “Você o matou?”

“Com um abridor de cartas”, disse Faolan, e havia um toque de orgulho em sua voz? Qual, que diabos? *Ele* não tinha me ensinado a lutar. Essa honra foi para Bres, que me acompanhou até minha execução.

Os olhos do general brilharam. “Um abridor de cartas.” Ele voltou ao corpo e inspecionou o pescoço. “Excelentes golpes. Sua arma secundária?”

Engoli em seco. *Pontas da Morte*. “Um garfo.”

Ele congelou e então seus ombros começaram a tremer. “A porra de um garfo? Deusa que se dane se ela me faz gostar de você, vira-lata Seelie.

OK? Eu não tinha certeza do que fazer com esse homem.

Ele me examinou novamente. “Então. Você matará o Seelie que veio atrás de você?”

Um aceno lento foi tudo que consegui. “A sobrevivência é meu objetivo.”

Ele sorriu, e o gesto suavizou as linhas duras gravadas em seu rosto. “Excelente.”

Talvez eu pudesse gostar dele também. Ele me lembrou Bres, embora esperasse que ele não tentasse me acompanhar até a morte também. Ele se virou para os dois guardas na porta que tinham vindo com ele. Eles usavam o uniforme de couro preto com a lua crescente vermelha bordada em seus corações. “Todos os guardas do castelo, em serviço

ou fora, se apresentarão no quartel para receber dez chicotadas nas próximas quatro horas.”

Eles o saudaram enquanto meu queixo caiu. “Isso é necessário?”

O General Stryk me lançou um olhar. “Isso” – ele apontou para o corpo inerte do assassino – “é inaceitável. Embora eu não dê a mínima para Balor se *você* morrer, esse assassino poderia facilmente ter vindo atrás de nossa rainha. Os homens são desleixados.” Seus olhos percorreram Faolan. “Vinte chicotadas para você, neto de Lugh.”

Faolan fez uma saudação cortante. “Sim senhor.”

O general sorriu novamente e não pensei mais que nos daríamos bem. Essa decisão foi brutal e exatamente o que eu esperava dos Unseelie.

“Agora mesmo,” ele disse agradavelmente. “Visto que sua camisa já está sem camisa.”

A mandíbula de Faolan se contraiu, mas ele assentiu e colocou as mãos na parede de pedra ao lado da lareira. Atrás de nós, a garçonete guinchou e saiu correndo da sala, batendo a porta atrás dela.

Posicionei-me entre Lan e o general, segurando meu garfo. “Ele nem estava aqui. E a rainha...”

“Não o defenda, Seelie. Seu trabalho era cuidar de você e mantê-lo seguro. Em vez disso, ele deixou um assassino *entrar no seu quarto*. O General Stryk sacudiu a mão para mim, sua magia me envolvendo como uma cobra – gentilmente, eu admitiria isso. Ele me colocou na cama, meus joelhos embaixo de mim, e eu me vi de frente para as costas nuas e tensas de Lan.

Lutei contra a magia que me prendia, mas não consegui movê-la.

O general desenrolou um longo chicote de couro na lateral do corpo. Os brilhos nele me disseram tudo que eu precisava saber. Assim como as cordas que me amarraram recentemente, filamentos de ferro estavam entrelaçados no material.

Minha magia subiu por puro instinto, mas pairou inutilmente, esperando instruções que eu não tinha ideia de como dar.

O general atacou e o primeiro chicote atingiu as costas nuas de Lan. Ele nem sequer se mexeu.

“Pare com isso,” eu rebati, injetando poder em minhas palavras. O general me ignorou e a fúria penetrou em meus ossos.

“Não faça isso,” Lan gritou. “Só não faça isso, órfão.”

Outra chicotada, e outra, até que a pele de suas costas cedeu e se abriu, o sangue escorrendo livremente das feridas.

Eu não me importava que ele machucasse meu coração, isso era... . . . isso foi *pior* . Porque eu sabia que não era justo e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Minha magia surgiu novamente, redemoinhos índigo escuro agrupando-se ao meu redor, sussurrando, incitando-me a colocá-los em uso, e lutei para empurrá-los contra o domínio cor de vinho do general.

Ele nem sequer olhou para mim. Em vez disso, ajustando sua postura, ele respirou fundo após dez chicotadas antes de levantar o braço novamente.

Minha magia girou e bateu contra o vermelho terroso da magia do general. Bateu, e então. . . *forçou* seu caminho para dentro dele. Eu engasguei e pisquei para o vinho que cercava minha magia índigo.

Finalmente, o general fez uma pausa e olhou para mim. "O que você está fazendo?"

Eu não sabia, mas eu ia contar isso a ele? Não. Ainda agindo por instinto, enfiei minha magia na dele, esperando que ela pudesse estourá-la como um balão. Na verdade, eu não tinha ideia do que isso faria. Talvez isso lhe desse *mais* poder.

Minha magia se desvencilhou de sua cor vinho e desapareceu.

Ótimo.

Que . . . não era nem um pouco útil, que se dane a deusa.

Os cílios recomeçaram e, quando caíram, não consegui conter a lágrima que escapou. contei-os mentalmente, minhas lágrimas e as chicotadas. Um por um.

“Leve-a para a suíte ao lado da Rainha Elisavana”, disse o general no mesmo tom agradável. — Você vai ficar com este... — ele apontou um dedo em minha direção enquanto deixava a magia que me mantinha cativa se dispersar. “Você deve estar ao lado dela a cada hora do dia e da noite até novo aviso, ou eu certamente *lhe* ensinarei exatamente qual é a sua posição em nossa corte.”

Faolan virou-se e saudou o general, embora houvesse alguma rigidez no movimento.

"Sim senhor."

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Throne Of Feathers and Bone (The Hon..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).